

**José Carlos Libâneo**

# DIDÁTICA

**2ª edição**

O objeto de estudo da Didática é o processo de ensino no seu conjunto, isto é, a atividade do professor e dos alunos visando o desenvolvimento das capacidades cognitivas e operativas destes mediante a assimilação consciente e ativa de conhecimentos e habilidades. O trabalho docente ocupa-se de instrução, da educação e do ensino como elementos do processo pedagógico escolar, efetivando a mediação de objetivos, conteúdos e métodos em função da aprendizagem dos alunos. A medida que o processo de ensino é uma manifestação peculiar da prática educativa que se desenvolve sob condições materiais e sociais concretas de uma determinada sociedade, seus elementos constitutivos - conteúdos, professor e aluno - somente podem ser descritos e explicados em função de objetivos sócio-políticos e de condições concretas. A Didática, assim, não investiga apenas objetivos, conteúdos, métodos, conexões entre ensino e aprendizagem e as condições e formas que vigoram no ensino, mas também os fatores materiais e sociais reais condicionantes das relações entre docência e aprendizagem.

# DIDÁTICA

A DIDÁTICA é tratada neste livro como ramo de estudo da Pedagogia partindo dos vínculos entre finalidades sócio-políticas e pedagógicas e as bases teórico-científicas e técnicas da direção do processo de ensino e aprendizagem. JOSÉ CARLOS LIBÂNEO propõe o estudo sistemático da Didática como teoria do processo de ensino de modo a unir a preparação teórica e prática na formação profissional do professor. Constitui-se, assim, como disciplina integradora que, ao buscar os conhecimentos teóricos e práticos da Teoria da Educação, Psicologia, Sociologia e Metodologias específicas das matérias de ensino, generaliza princípios, condições e meios que são muito comuns e básicos para a docência de todas as matérias escolares.

## Capítulo 11

# Relações professor-aluno na sala de aula

As relações entre professores e alunos, as formas de comunicação, os aspectos afetivos e emocionais, a dinâmica das manifestações na sala de aula fazem parte das condições organizativas do trabalho docente, ao lado de outras que estudamos.

A interação professor-alunos é um aspecto fundamental da organização da “situação didática”, tendo em vista alcançar os objetivos do processo de ensino: a transmissão e assimilação dos conhecimentos, hábitos e habilidades. Entretanto, esse não é o único fator determinante da organização do ensino, razão pela qual ele precisa ser estudado em conjunto com outros fatores, principalmente a forma de aula (atividade individual, atividade coletiva, atividade em pequenos grupos, atividade fora da classe etc.).

Podemos ressaltar dois aspectos da interação professor-alunos no trabalho docente: o aspecto cognoscitivo (que diz respeito a formas de comunicação dos conteúdos escolares e às tarefas escolares indicadas aos alunos) e o aspecto socioemocional (que diz respeito às relações pessoais entre professor e aluno e às normas disciplinares indispensáveis ao trabalho docente).

Trataremos, neste capítulo, dos seguintes temas:

- aspectos cognoscitivos da interação professor-aluno;
- aspectos socioemocionais;
- a disciplina.

## Aspectos cognoscitivos da interação

Entendemos por cognoscitivo o processo ou o movimento que transcorre no ato de ensinar e no ato de aprender, tendo em vista a transmissão e assimilação de conhecimentos. Nesse sentido, ao ministrar aulas, o professor sempre tem em vista tarefas cognoscitivas colocadas aos alunos: objetivos da aula, conteúdos, problemas, exercícios. Os alunos, por sua vez, dispõem de um grau determinado de potencialidades cognoscitivas conforme o nível de desenvolvimento mental, idade, experiências de vida, conhecimentos já assimilados etc.

O trabalho docente se caracteriza por um constante vaivém entre as tarefas cognoscitivas colocadas pelo professor e o nível de preparo dos alunos para resolverem as tarefas. Para isso o professor deve cuidar de apresentar os objetivos, os temas de estudo e as tarefas numa forma de comunicação compreensível e clara. Deve esforçar-se em formular perguntas e instruções verbais que os alunos possam entender. Não se espera que haja pleno entendimento entre professor e alunos, mesmo porque a situação pedagógica é condicionada por outros fatores. Mas as formas adequadas de comunicação concorrem positivamente para a interação professor-aluno.

O professor não apenas transmite uma informação ou faz perguntas, mas também ouve os alunos. Deve dar-lhes atenção e cuidar para que aprendam a expressar-se, a expor opiniões e dar respostas. O trabalho docente nunca é unidirecional. As respostas e as opiniões dos alunos mostram como eles estão reagindo à atuação do professor, às dificuldades que encontram na assimilação dos conhecimentos. Servem, também, para diagnosticar as causas que dão origem a essas dificuldades. Esta é uma das funções da avaliação diagnóstica.

Para atingir satisfatoriamente uma boa interação no aspecto cognoscitivo, é preciso levar em conta: o manejo dos recursos da linguagem (variar o tom de voz, falar com simplicidade sobre temas complexos); conhecer bem o nível de conhecimentos dos alunos; ter um bom plano de aula e objetivos claros; explicar aos alunos o que se espera deles em relação à assimilação da matéria.

Além dessas exigências, é indispensável que o professor use corretamente a Língua Portuguesa, procurando não falar errado, pois isto se reflete na incorreção da linguagem dos alunos, prejudicando a aprendizagem.

## Aspectos socioemocionais

Os aspectos socioemocionais se referem aos vínculos afetivos entre professor e alunos, como também às normas e exigências objetivas que regem a conduta dos alunos na aula (disciplina). Não estamos falando da afetividade do professor para com determinados alunos, nem de amor pelas crianças. A relação maternal ou paternal deve ser evitada, porque a escola não é um lar. Os alunos não são nossos sobrinhos e muito menos filhos. Na sala de aula o professor se relaciona com o grupo de alunos. Ainda que o professor necessite atender um aluno em especial ou que os alunos trabalhem individualmente, a interação deve estar voltada para a atividade de todos os alunos em torno dos objetivos e do conteúdo da aula.

Nesse sentido, o professor precisa aprender a combinar severidade e respeito. Conforme estudamos anteriormente, o processo de ensino consiste ao mesmo tempo da direção da aprendizagem e de orientação da atividade autônoma e independente dos alunos. Cabe ao professor controlar esse processo, estabelecer normas, deixando bem claro o que espera dos alunos.

Na sala de aula o professor exerce uma autoridade, fruto de qualidades intelectuais, morais e técnicas. Ela é um atributo da condição profissional do professor e é exercida como um estímulo e ajuda para o desenvolvimento independente dos alunos. O professor estabelece objetivos sociais e pedagógicos, seleciona e organiza os conteúdos, escolhe métodos, organiza a classe. Entretanto, essas ações docentes devem orientar os alunos para que respondam a elas como sujeitos ativos e independentes. A autoridade deve fecundar a relação educativa e não cerceá-la.

Autoridade e autonomia são dois polos do processo pedagógico. A autoridade do professor e a autonomia dos alunos são realidades aparentemente contraditórias mas, de fato, complementares. O professor representa a sociedade, exercendo um papel de mediação entre o indivíduo e a sociedade. O aluno traz consigo a sua individualidade e liberdade. Entretanto, a liberdade individual está condicionada pelas exigências grupais e pelas exigências da situação pedagógica, implicando a responsabilidade. Nesse sentido, a liberdade é o fundamento da autoridade e a responsabilidade é a síntese da autoridade e da liberdade.

Do ponto de vista das relações entre autoridade e autonomia, a interação professor-aluno não está livre de conflitos ou deformações. Em

nome da autoridade, o professor se apresenta com superioridade, faz imposições descabidas, humilha os alunos. Tais formas de autoritarismo — a exacerbação da autoridade — não são educativas, pois não contribuem para o crescimento dos alunos. O professor autoritário não exerce a autoridade a serviço do desenvolvimento da autonomia e independência dos alunos. Transforma uma qualidade inerente à condição do profissional professor numa atitude personalista.

## A disciplina na classe

Uma das dificuldades mais comuns enfrentadas pelo professor é o que se costuma chamar de “controle da disciplina”. Dizendo assim, dá a impressão de que existe uma chave milagrosa que o professor manipula para manter a disciplina. Não é assim. A disciplina da classe está diretamente ligada ao estilo da prática docente, ou seja, à autoridade profissional, moral e técnica do professor. Quanto maior a autoridade do professor (no sentido que mencionamos), mais os alunos darão valor às suas exigências.

A autoridade profissional se manifesta no domínio da matéria que ensina e dos métodos e procedimentos de ensino, no tato em lidar com a classe e com as diferenças individuais, na capacidade de controlar e avaliar o trabalho dos alunos e o trabalho docente.

A autoridade moral é o conjunto das qualidades de personalidade do professor: sua dedicação profissional, sensibilidade, senso de justiça, traços de caráter.

A autoridade técnica constitui o conjunto de capacidades, habilidades e hábitos pedagógico-didáticos necessários para dirigir com eficácia a transmissão e assimilação de conhecimentos aos alunos. A autoridade técnica se manifesta na capacidade de empregar com segurança os princípios didáticos e o método didático da matéria, de modo que os alunos compreendam e assimilem os conteúdos das matérias e sua relação com a atividade humana e social, apliquem os conhecimentos na prática e desenvolvam capacidades e habilidades de pensarem por si próprios. Um professor competente se preocupa em dirigir e orientar a atividade mental dos alunos, de modo que cada um deles seja um sujeito consciente, ativo e autônomo.

A disciplina da classe depende do conjunto dessas características do professor, que lhe permitem organizar o processo de ensino. Entre os requisitos para uma boa organização do ensino destacam-se:

- um bom plano de aula, onde estão determinados os objetivos, os conteúdos, os métodos e procedimentos de condução da aula;
- a estimulação para a aprendizagem que suscite a motivação dos alunos;
- o controle da aprendizagem, incluindo a avaliação do rendimento escolar;
- o conjunto de normas e exigências que vão assegurar o ambiente de trabalho escolar favorável ao ensino e controlar as ações e o comportamento dos alunos.

Além de determinar o que farão o professor e os alunos no período escolar, o plano de aula regula a distribuição do tempo, a passagem planejada de uma atividade para outra. Dessa forma, o professor e os alunos como que antecipam o andamento sistemático da aula, reduzindo as interferências, as conversas inadequadas e as desobediências.

A motivação dos alunos para a aprendizagem, através de conteúdos significativos e compreensíveis para eles, assim como de métodos adequados, é fator preponderante na atitude de concentração e atenção dos alunos. Se estes estiverem envolvidos nas tarefas, diminuirão as oportunidades de distração e de indisciplina.

O controle da aprendizagem exige todos esses requisitos e implica também o permanente acompanhamento das ações dos alunos. O trabalho docente deve ter em vista a ajuda aos alunos nas suas tarefas. O controle sem ajuda pode provocar insegurança nos alunos, que às vezes se sentem cobrados a um desempenho para o qual não foram suficientemente preparados. Por outro lado, a ajuda sem controle não estimula os alunos a progredir e vencer as dificuldades. A aprendizagem não é uma atividade que nasce espontaneamente dos alunos; o estudo muitas vezes não é uma tarefa que eles cumprem com prazer. Por mais que o professor consiga a motivação e o empenho dos alunos e os estimule com elogios e incentivos, frequentemente deverá obrigá-los a fazer o que eles não querem. Nesse caso, os alunos devem estar cientes de que o não cumprimento das exigências terá consequências desagradáveis.

Além desses requisitos, que, bem encaminhados, contribuem para a manutenção do necessário clima de trabalho, há necessidade de normas explícitas de funcionamento da classe. Tais normas não devem ser tomadas como o único meio de controle da classe, como fazem muitos professores inseguros, mas como síntese de requisitos anteriores.

## Sugestões para tarefas de estudo

### *Perguntas para o trabalho independente dos alunos*

- Em que condições os aspectos cognoscitivos do ensino influem na interação professor-aluno?
- Como a organização da aula em etapas ou passos didáticos afeta o manejo da classe?
- O planejamento e a preparação da aula podem influir no controle da disciplina?
- Analisar e fundamentar a resposta à seguinte questão: *O professor deu uma tarefa para os alunos e saiu da classe; pode-se afirmar que continuou havendo aula?*
- Em que sentido se pode afirmar que as formas de comunicação docente e a linguagem são importantes aspectos cognoscitivos a considerar na dinâmica das relações professor-aluno?
- Explicar o sentido da expressão “interação socioemocional” do professor e dos alunos na sala de aula.
- Explicar como se deve combinar severidade e respeito, autoridade do professor e autonomia do aluno.
- Há distinções entre autoridade e autoritarismo? Fundamente a resposta.
- Em que condições se pode afirmar que a disciplina tem uma função educativa?

### *Temas para aprofundamento do estudo*

- Observar uma sala de aula e procurar identificar causas dos problemas de disciplina devidas ao estilo de trabalho do professor naquela aula.



- Distinguir, na mesma situação, aspectos de natureza cognoscitiva e de natureza socioemocional.
- Pesquisar em 2 ou 3 textos indicados na bibliografia complementar ou pelo professor o tema: "Que condições são necessárias ao professor para assegurar o bom manejo de classe?"
- Entrevistar professores tidos como "bem-sucedidos" sobre como lidam com a classe, em termos de manejo e controle da disciplina. Procurar saber desses professores os principais problemas de disciplina que costumam ocorrer nas salas de aula.

### *Temas para redação*

- Autonomia do aluno e autoridade do professor.
- O dilema severidade X respeito aos alunos.
- Disciplina na classe e democratização do ensino.
- Relações professor-aluno e as características do processo de ensino.
- Ensino: questão de amor às crianças ou competência profissional?
- Fatores externos e internos no comportamento do aluno na sala de aula.

### **Bibliografia complementar**

BARRETO, Elba S. de Sá. Professora e Aluno na Escola Básica: Encontros e Desencontros. *Revista da Ande*, São Paulo, n. 2, 1981, p. 42-45.

FRANCO, Luís A. C. A disciplina na escola. *Revista da Ande*, São Paulo, n. 11, 1986, p. 62-67.

MELLO, Guiomar N. de. Ensino de 1º grau: direção ou espontaneísmo? *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, Fundação Carlos Chagas, n. 36, fev. 1981, p. 87-110.

NOVAES, Maria E. Professor não é parente posticho. *Revista da Ande*, São Paulo, n. 4, 1982, p. 61-62.

VEIGA, Ilma P. A. (org.). *Repensando a didática*. São Paulo: Papirus, 1988.

ZIBAS, Dagmar M. L. Relação Professor-Aluno no Ensino de 1º Grau. *Revista da Ande*, São Paulo, n. 4, 1982, p. 57-59.

## Bibliografia geral

ABREU, M. Célia de; MASETTO, Marcos T. *O professor universitário em aula* (Prática e princípios teóricos). São Paulo: Cortez/ Autores Associados, 1985.

AEBLI, Hans. *Didática psicológica*. São Paulo: Nacional/Edusp, 1971.

ANDRÉ, Marli E. D. Em busca de uma didática fundamental. In: *Atas do III Seminário A Didática em Questão*. USP, São Paulo, v. 1, fev. 1985, p. 33-45.

ARANHA, Maria L. de A. *Filosofia da educação*. São Paulo: Moderna, 1989.

AUSUBEL, David P. et al. *Psicologia educacional*. Rio de Janeiro: Interamericana, 1980.

BALZAN, Newton C. Estudo do Meio. In: CASTRO, Amélia D. de (org.). *Didática para escola de 1º e 2º graus*. São Paulo: Pioneira/INL, 1976.

\_\_\_\_\_. Sete asserções inaceitáveis sobre a inovação educacional. *Educação & Sociedade*, São Paulo, n. 6, jun. 1980, p. 119-139.

\_\_\_\_\_. Supervisão e didática. In: ALVES, Nilda (org.). *Educação e supervisão* (O trabalho coletivo na escola). São Paulo: Cortez/ Autores Associados, 1984.

BARRETO, Elba S. de S. Professora e Aluno na Escola Básica: Encontros e Desencontros. *Revista da Ande*, São Paulo, n. 2, 1981, p. 42-45.

BEISIEGEL, Celso de R. Relações entre qualidade e quantidade no ensino comum. *Revista da Ande*, São Paulo, n. 1, 1981, p. 49-56.

BERGAMIN, Maria E.; MANSUTTI, Maria A. Revisão dos programas de uma rede de ensino: um processo, uma experiência. *Revista da Ande*, São Paulo, n. 12, 1987, p. 39-45.

BRANDÃO, Zaia et al. *Evasão e repetência no Brasil: a escola em questão*. Rio de Janeiro: Achiamé, 1983.

BRASIL. Universidade Federal do Rio Grande do Norte. *Projeto Ensino de Ciências a Partir de Problemas da Comunidade* — Departamento de Educação. Natal, 1985. (Mimeo.)

CAMARGO, Dair A. F. A didática nos cursos de formação de professores — Um enfoque piagetiano. *Revista da Ande*, São Paulo, n. 9, 1985, p. 43-46.

CANDAU, Vera M. F. (org.). *A didática em questão*. Petrópolis: Vozes, 1984.

\_\_\_\_\_. *Rumo a uma nova didática*. Petrópolis: Vozes, 1988.

CARVALHO, Célia P. de. *Ensino noturno — Realidade e ilusão*. São Paulo: Cortez/Autores Associados, 1987.

CARVALHO, Irene M. *O processo didático*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1972.

CASTRO, Amélia A. F. Domingues de et al. *Didática para a escola de 1º e 2º graus*. São Paulo: Pioneira/MEC, 1972.

CASTRO, Amélia A. D. Domingues de. A didática. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, Brasília, v. 65, n. 150, maio/ago. 1984, p. 291-300.

\_\_\_\_\_. O professor e a didática. *Revista Educação*, Brasília, v. 3, n. 12, abr./jun. 1974, p. 18-27.

CECCON, Claudius et al. *A vida na escola e a escola na vida*. Petrópolis: Vozes/Idac, 1982.

CHARLOT, Bernard. *A mistificação pedagógica*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

CUNHA, Luís Antônio. A educação na nova Constituição. *Revista da Ande*, São Paulo, n. 12, 1987, p. 5-9.

CURY, Carlos R. J. *Educação e Contradição* (Elementos Metodológicos para uma Teoria-Crítica do Fenômeno Educativo). São Paulo: Cortez/Autores Associados, 1985.

CYRINO, Hélio et al. *Ideologia Hoje*. Campinas: Papyrus, 1986.

DANILOV, M. A.; SKATKIN, M. N. *Didáctica de la escuela media*. Havana: Editorial Pueblo y Educación, 1984.

DANILOV, M. A. *El proceso de enseñanza en la escuela*. Havana: Editorial de Libros Para la Educación, 1978.

- DAVIS, Claudia; OLIVEIRA, Zilma de. *Psicologia na educação*. São Paulo: Cortez, 1990.
- ENRICONE, Délcia et al. *Ensino — Revisão crítica*. Porto Alegre: Sagra, 1988.
- ESTEVES, O. P. *Testes, medidas e avaliação*. Rio de Janeiro: Artes & Indústria, 1972.
- FARIA, Ana Lucia G. de. *Ideologia no livro didático*. São Paulo: Cortez/Autores Associados, 1987.
- FARR, Régis. *O fracasso no ensino*. Rio de Janeiro: Codecri, 1982.
- FAZENDA, Ivani C. Encontros e desencontros da didática e prática de ensino. *Cadernos Cedes*, São Paulo, n. 21, 1988.
- \_\_\_\_\_; PETEROSI, Helena. *Anotações sobre metodologia e prática de ensino na escola de 1º grau*. São Paulo: Loyola, 1989.
- FERNANDES, Maria Nilza. *Técnicas de estudo* (Como estudar sozinho). São Paulo: EPU, 1979.
- FRANCO, Luís Antônio C. A disciplina na escola. *Revista da Ande*, São Paulo, n. 11, 1986, p. 62-67.
- FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler*. São Paulo: Cortez/Autores Associados, 1982.
- FUSARI, José Cerchi. O Planejamento Educacional e a Prática dos Educadores. *Revista da Ande*, São Paulo, n. 8, 1984, p. 33-35.
- GARCIA, Regina Leite. A Qualidade Comprometida e o Compromisso da Qualidade. *Revista da Ande*, São Paulo, n. 3, 1982, p. 51-55.
- GATTI, Bernadete A. et al. A reprovação na 1ª série do 1º grau. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, Fundação Carlos Chagas, n. 38, ago. 1981, p. 3-13.
- GHIRALDELLI JR., Paulo. *O que é pedagogia*. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- \_\_\_\_\_. *História da Educação*. São Paulo: Cortez, 1990.
- IANNI, Octavio. *Dialética e capitalismo*. Petrópolis: Vozes, 1988.
- KLINGBERG, Lothar. *Introducción a la didáctica general*. Havana: Editorial Pueblo y Educación, 1978.
- LEONTIEV, A. N. O homem e a cultura. In: VV.AA. *O papel da cultura nas ciências sociais*. Porto Alegre: Villa Martha, 1980.

LIBÂNEO, J. C. Pedagogia crítico-social: currículo e didática. *Anais do XVI Seminário Brasileiro de Tecnologia Educacional*, Rio de Janeiro, 1985, v. 1, p. 45-65.

\_\_\_\_\_. *A prática pedagógica de professores da escola pública*. Dissertação (Mestrado). São Paulo, PUC-SP, 1984.

\_\_\_\_\_. Os conteúdos escolares e sua dimensão crítico-social. *Revista da Ande*, São Paulo, n. 11, 1986, p. 5-13.

\_\_\_\_\_. Escola unitária e política educacional. *Anais da IV CBE*. São Paulo: Cortez, 1988, p. 99-116.

\_\_\_\_\_. *Democratização da escola pública* (A pedagogia crítico-social dos conteúdos). São Paulo: Loyola, 1989.

LIBÂNEO, José C.; LUCKESI, Cipriano C. Evasão e Repetência: Implicações Políticas e Pedagógico-Didáticas. *Anais do XVI Seminário Brasileiro de Tecnologia Educacional*, Rio de Janeiro, 1985, v. II, p. 81-113.

LUCKESI, Cipriano C. et al. *Fazer universidade: uma proposta metodológica*. São Paulo: Cortez, 1986.

LUCKESI, Cipriano C. Elementos para uma Didática no Contexto de uma Pedagogia para a Transformação. *Anais da III CBE*. São Paulo: Loyola, 1984.

\_\_\_\_\_. Avaliação educacional escolar: para além do autoritarismo. *Revista da Ande*, São Paulo, n. 10, p. 47-51, 1986; n. 11, 1986, p. 47-49.

\_\_\_\_\_. *Filosofia da educação*. São Paulo: Cortez, 1990.

MANACORDA, Mario A. *Marx y la pedagogia moderna*. Barcelona: Oikos-Tau, 1969. (Tradução em português: Cortez Editora, 1991.)

MARTINS, José do Prado. *Didática geral*. São Paulo: Ática, 1986.

MATTOS, Luiz Alves de. *Sumário de didática geral*. Rio de Janeiro: Aurora, 1967.

MEDEIROS, Ethel B. *As provas objetivas — Técnicas de construção*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1971.

MEKSENAS, Paulo. *Sociologia da educação*. São Paulo: Loyola, 1988.

MELLO, Guiomar N. de. (org.). *Educação e transição democrática*. São Paulo: Cortez/Autores Associados, 1987.

\_\_\_\_\_. Educação escolar e classes populares. *Revista da Ande*, n. 6, p. 5-9, São Paulo, 1983.

MELLO, Guiomar N. de. Ensino de 1º grau: direção ou espontaneísmo? *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, n. 36, fev. 1981, p. 87-110.

MIALARET, Gaston. *As ciências da educação*. Lisboa: Moraes, 1976.

\_\_\_\_\_. *Introdução à pedagogia*. São Paulo: Atlas, 1977.

MOREIRA, M. A.; MASINI, E. F. *Aprendizagem significativa: a teoria de David Ausubel*. São Paulo: Moraes, 1982.

MORGAN, Clifford; DEESE, James. *Como estudar*. Rio de Janeiro: Freitas Bastos, 1972.

NASSIF, Ricardo. *Teoría de la educación* (Problemática pedagógica contemporánea). Madri: Cincel, 1980.

NERICI, Imídeo. *Didática* (Uma introdução). São Paulo: Atlas, 1986.

NIDELCOFF, Maria T. *As ciências sociais na escola*. São Paulo: Brasiliense, 1987.

NOVAES, Maria E. Professor não é parente posticho. *Revista da Ande*, São Paulo, n. 4, 1982, p. 61-62.

OLIVEIRA, Maria R. N. Sales. *O conteúdo da didática* (Um discurso da neutralidade científica). Belo Horizonte: Editora UFMG/Proed, 1988.

\_\_\_\_\_. A didática e seu objeto de estudo. *Educação em Revista*, Belo Horizonte, n. 8, dez. 1988, p. 36-41.

PICANÇO, Iracy. O professor frente à realidade da escola pública. *Revista da Ande*, São Paulo, n. 5, 1982, p. 31-35.

PILETTI, Claudino. *Didática geral*. São Paulo: Ática, 1986.

PIMENTA, Selma Garrido. Orientador educacional ou pedagogo? *Revista da Ande*, São Paulo, n. 9, 1985, p. 29-37.

\_\_\_\_\_. A organização do trabalho na escola. *Revista da Ande*, São Paulo, n. 11, 1986, p. 29-36.

\_\_\_\_\_. *O pedagogo na escola pública*. São Paulo: Loyola, 1988.

POPOVIC, Ana Maria. Enfrentando o fracasso escolar. *Revista da Ande*, São Paulo, n. 2, 1981, p. 17-21.

RATHS, Louis E. et al. *Ensinar a pensar*. São Paulo: Herder/Edusp, 1972.

RAYS, Osvaldo Alonso. *Planejamento de ensino: um ato político-pedagógico*. IV Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino. Recife, 1986. (Mimeo.)

- RODRIGUES, Neidson. Função da escola de 1º grau numa sociedade democrática. *Revista da Ande*, São Paulo, n. 8, 1984, p. 17-22.
- RONCA, Antônio C. Caruso; ESCOBAR, Virgínia F. *Técnicas pedagógicas* (Domesticção ou desafio à participação?). Petrópolis: Vozes, 1987.
- ROSENBERG, Lia. *Educação e desigualdade social*. São Paulo: Loyola, 1984.
- SALGADO, Maria U. C. O papel da didática na formação do professor. *Revista da Ande*, São Paulo, n. 4, 1982, p. 9-18.
- SÃO PAULO. Secretaria de Educação Municipal. *Programa de 1º Grau*. Departamento de Planejamento e Orientação. São Paulo, 1982. (Mimeo.)
- SAVIANI, Dermeval. Sentido da pedagogia e o papel do pedagogo. *Revista da Ande*, São Paulo, n. 9, 1985, p. 27-28.
- \_\_\_\_\_. Sobre a natureza e especificidade da educação. *Revista Em Aberto*, Brasília, n. 22, jul./ago. 1984, p. 1-6.
- \_\_\_\_\_. O ensino básico e o processo de democratização da sociedade brasileira. *Revista da Ande*, São Paulo, n. 7, 1984, p. 9-13.
- \_\_\_\_\_. *Escola e democracia*. São Paulo: Cortez/Autores Associados, 1983.
- SCHEIBE, Leda. O ensino de 1º grau: garantia do direito à educação e o desafio da qualidade. *Revista da Ande*, São Paulo, n. 12, 1987, p. 11-14.
- SCHMIED-KOWARZIK, Wolfdietrich. *Pedagogia dialética*. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- SEVERINO, Antonio Joaquim. *Educação, ideologia e contra-ideologia*. São Paulo: EPU, 1986.
- \_\_\_\_\_. *Métodos de estudo para o 2º grau*. São Paulo: Cortez/Autores Associados, 1985.
- SNYDERS, Georges. *Pedagogia progressista*. Coimbra: Almedina, 1974.
- \_\_\_\_\_. *Para onde vão as pedagogias não-diretivas?* Lisboa: Moraes, 1974.
- SOARES, Magda B. *Linguagem e escola* (Uma perspectiva social). São Paulo: Ática, 1986.
- STOCKER, Karl. *Princípios de didáctica moderna*. Buenos Aires: Kapelusz, 1964.
- SUCHODOLSKI, Bogdan. *La educación humana del hombre*. Barcelona: Laria, 1977.
- TITONE, Renzo. *Metodología didáctica*. Madrid: Rialp, 1974.

TURRA, Clódia M. et al. *Planejamento de ensino e avaliação*. Porto Alegre: Sagra, 1986.

VAZQUEZ, Adolfo S. *Filosofia da práxis*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

VEIGA, Ema P. Alencastro (org.). *Repensando a didática*. Campinas: Papirus, 1988.

VIANNA, Ilca O. de A. *Planejamento participativo na escola (Um desafio ao educador)*. São Paulo: EPU, 1986.

VIGOTSKY, L. Semenovich. *A formação social da mente*. São Paulo: Martins Fontes, 1984.

WACHOWICZ, Lilian A. *O método dialético na didática*. Campinas: Papirus, 1989.

ZIBAS, Dagmar M. L. Relação professor-aluno no ensino de 1º grau. *Revista da Ande*, São Paulo, n. 4, 1982, p. 57-59.



## Sobre o autor

**JOSÉ CARLOS LIBÂNEO** — Nascido em Angatuba, no interior do Estado de São Paulo, em 1945. Fez seus estudos iniciais no Seminário Diocesano de Sorocaba (SP). Graduou-se em Filosofia na PUC de São Paulo (1966) onde também obteve o título de mestre em Educação Escolar Brasileira (1984) e doutor em Educação (1990). Iniciou suas atividades profissionais como diretor de uma das unidades de ensino do Ginásio Estadual Pluricurricular Experimental (1967-1972). Foi professor de disciplinas da área educacional em instituições de ensino superior de São Paulo. Foi membro da diretoria da Associação Nacional de Educação (ANDE), no período de 1983-1986. Em Goiânia, desde 1973, foi diretor do Centro de Treinamento e Formação de Pessoal da Secretaria da Educação do Estado de Goiás, professor da Universidade Católica de Goiás e diretor de escola particular. Desde 1975 é professor na Faculdade de Educação da Universidade Federal de Goiás onde coordena, atualmente, o Curso de Mestrado em Educação Brasileira. Leciona, pesquisa e escreve sobre assuntos de Teoria da Educação, Didática, Política Educacional, Escola Pública. É autor de *Democratização da escola pública; a pedagogia crítico-social dos conteúdos* (Loyola), coautor em dois livros, publica artigos em revistas especializadas e ministra cursos e conferências sobre os temas que estuda.